

Jovens moradores da periferia de São Paulo: modalidades de narrações da violência¹

Rita de Cássia Mendes Álvares (IP-USP)

*“Escrever:
tentar meticulosamente reter algo,
fazer sobreviver algo:
arrancar alguns fragmentos precisos ao vazio
que se cava,
deixar, em algum lugar, um valo,
um rastro, uma marca ou alguns signos.”
Georges Peréc²*

Ao realizar um conjunto de entrevistas com jovens de periferia, o nosso objetivo é de estabelecer um recorte que permita apreender, através da análise da narrativa de fragmentos de suas histórias de vida, o entrelaçamento das suas trajetórias com as dos grupos aos quais pertencem, dentro do contexto social e singular em que se encontram inseridos. Acreditamos que deste modo será possível melhor compreender diferentes modalidades da complexa relação dos jovens moradores de periferia com a violência urbana.

Consideramos, com Benjamin (1994, p. 205), que a narração “... *não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.*”³

Com a presente comunicação não almejamos descrever de modo linear e contínuo fatos, mas destacar alguns relatos de vivências de jovens com quem dialogamos, e desta forma também apontar elaborações ainda tentativas que estão delimitando caminhos em nosso percurso de pesquisa.

Cabe inicialmente destacar a recorrência de negações em torno da temática da violência, presente entre jovens -mas também potencialmente presente nas instituições que com eles lidam,

¹ II ENADIR, GT 11 - Antropologia e questões infanto-juvenis.

² PERÉC (2000, p. 180)

³ Como aponta BENJAMIN (1994, p. 201), o narrador retira da experiência o que conta -pode ser da sua ou da contada por outros - e a transmite incorporando o que está narrando a experiência dos seus ouvintes.

e em nós mesmos. Negações que podem ser justamente reveladoras da sua presença, como nos lembra Marin (2003).

Em algumas situações há, assim, uma tentativa de proteção, quando se coloca a violência a uma distancia espacial e temporal. Esse distanciamento pode ser indicador do quanto a violência está presente. Mas, também, por outro lado, representar possibilidade para compartilhar essas lembranças.

É dentro deste ambiente de interlocução que se inicia meu trabalho de pesquisa. Tenho escutado muitas estórias, em um Centro de Juventude (CJ) da Zona Sul de São Paulo. Esta instituição tem como objetivo preparar o jovem para o mercado de trabalho, buscando resgatar cidadania e senso de responsabilidade social, através de cursos e oficinas que são oferecidas em turno contrário ao que o aluno frequenta na escola. Os jovens que circulam por este CJ, e com os quais tenho conversado nos últimos três meses, são moradores próximos da instituição.

Busco dialogar com os jovens sobre suas vivencias cotidianas, suas aspirações futuras, bem como sua relação com possíveis situações de violência urbana que possam ter ouvido contar, ter testemunhado pessoalmente, e/ ou sido protagonistas.

Tenho ciência que aqueles com quem converso, intuem os efeitos que diálogos desta natureza podem propiciar. Ao contarem suas vivencias, efetivamente compartilham, pelo menos parcialmente, percepções de mundo.

Alguns jovens não se disponibilizam a um possível diálogo, outros aceitam, mas tem dificuldade em conversar, pedem para sair, interrompendo o diálogo, para talvez retomá-lo em outro dia.

A densidade das experiências existenciais evocadas nos primeiros diálogos que desenvolvi, tem levado a perceber o quanto as suas vidas estão marcadas por situações de violência, seja ela vivenciada, presenciada ou contada. Mortes ou situações de violência que protagonizaram; que ocorreram próximo as suas casas e que testemunharam; ou ainda casos dos quais ouviram falar por familiares, amigos, colegas ou vizinhos, que estiveram ou estão envolvidos com o chamado *mundo do crime*.

Como apontam Telles e Hirata (2007), moradores da periferia conhecem as situações de violência, e sabem, no cotidiano, transitar entre diversas fronteiras, recuar quando é preciso, avançar quando é possível, e fazer uso da palavra.

Quando narram estórias de violência, em alguns casos, estas aparentam pertencer a um passado remoto, mesmo que tenham ocorrido no ano anterior. Uma distância espacial parece, com frequência, também, separá-los de pontos de venda de droga, de casos de perseguições policiais dos quais mencionam ter tido notícia, mesmo ocorridos na mesma rua onde moram.

A recorrência inicial, nos depoimentos, a um distanciamento, seja temporal ou espacial, das situações de violência referidas, parece apontar para uma necessidade de separação, que permite que sejam contadas, constituindo uma aparente proteção.

Ao estar distante no espaço e no tempo, a cena da violência, a sua ocorrência não está junto a mim, na minha rua, na minha casa, no meu corpo. E se está próximo, isso pode representar, talvez, uma impossibilidade de falar.

Um fato recorrente nas narrações é a referência a uma violência que esteve presente por um tempo, mas hoje não está mais. Em determinadas situações há uma ênfase na tranquilidade presente hoje, em relação a um tempo passado em que foi diferente, e a um tempo futuro incerto, que parece incognoscível. Há também, na fala de alguns jovens, uma lembrança que localiza espacialmente um lugar no bairro, existente no passado, espaço no qual apareciam pessoas mortas de forma violenta. Este tipo de reminiscência é compartilhada por alguns dos jovens moradores antigos do bairro.

Para dar maior concretude a evocação das vivências relatadas, irei, a seguir, apresentar algumas estórias contadas por estes jovens e apresentar alguns primeiros elementos de reflexão que tem surgido das escutas realizadas nos últimos três meses.

As narrações destes jovens nos apresentam lembranças de fatos que lhes são contados por terceiros e fatos que são vivenciados por eles no convívio urbano. As situações narradas envolvem o cotidiano da vida destes jovens. A violência se presentifica, por vezes como fato ocorrido no passado, ou como perigo presente. Também como algo que fascina e pode envolver sentimentos de crueldade.

Estórias de Maria: O “mundão”

Converso com uma jovem, muito falante, que irei chamar de Maria. Ela conta que tem 16 anos, mora há dez anos neste bairro, estuda a noite e trabalha a tarde cuidando de uma

criança. Maria mora com a mãe, a irmã mais nova e o padrasto, que passa geralmente a semana fora de casa em função do seu trabalho⁴.

Ela afirma que o lugar onde mora é calmo, porém comenta que em “*todo lugar*” tem pontos de venda de droga, inclusive na rua onde mora. Menciona que sempre “*tem uns cara ali em cima parado, ali em cima, ali é um ponto, eu moro embaixo...*”. Os elementos que distanciam um lugar e outro são muito marcados, as distâncias parecem acentuadas, mesmo que se situem na mesma rua.

Maria conta que em seu bairro tem muitas festas chamadas “*pancadão*”, festas com música que ocorrem na rua, onde estes “*caras*” vão sempre. Ao sentirem-se incomodados, já iniciam um tiroteio. As vezes também ocorre da polícia aparecer, já chegam com cassetete na mão e jogando *spray* de pimenta. Segundo Maria, já ocorreu de algumas de suas amigas estarem no “*pancadão*” e terem que sair correndo em função de um tiroteio. Como era próximo a sua casa, ouviu, não pode sair para a rua porque a mãe não deixou. Mas ao encontrar novamente as amigas, teria percebido nelas como uma adrenalina: pareciam não sentir medo, comenta Maria.

A jovem menciona que tem uma amiga que namora um *bandido*, envolvido com tráfico e roubos. Segundo Maria, ele tem dinheiro e essa amiga consegue tudo o que quer. Maria observa, entretanto: “*...um dia a casa dela vai cair, vai ver se esse cara chega doidão e da um tiro nela, bate nela...*”. Já cansou de avisar a amiga sobre o perigo que essa relação pode oferecer.

Maria se interessa por homens mais velhos. Está namorando atualmente um jovem de 20 anos, que já esteve envolvido com o “*mundão*”, já foi usuário de droga e efetuava roubos, mas que agora estaria recuperado, trabalhando no *shopping*. O ruim, para ela, é que não têm muito tempo para se encontrarem. O namorado ainda fica um pouco balançado quando vê “*os caras que ficam andando no pano*”, usando roupas da moda, pois quando “*ele era do mundão*” vivia uma ilusão e tinha tudo fácil. Comenta que neste momento o namorado está trabalhando e vai conseguir ter suas coisas com o trabalho, porque tem consciência que “*tudo que vem fácil vai fácil*”.

Quanto a mortes que possam ter ocorrido no bairro, Maria comenta, ter ficado sabendo superficialmente, porque mora distante, que há um campinho para jogar futebol que teria sido “...

4 Os nomes são fictícios para preservar a identidade destes jovens.

um campo de morte... as pessoas que queriam matar, matavam, traziam e largavam ali...”, isso ocorria quando o bairro era muito violento.

Percebemos nas colocações de Maria a sedução oferecida pelo “mundão”, sensações que ela tenta separar das relações de trabalho que estão referidas a uma forma diferente para alcançar o que busca e representam um valor importante. O trânsito entre um mundo e o outro está presente, na vida do namorado, na amiga que namora um bandido, na distancia que tenta estabelecer entre o “lá em cima” e o “lá embaixo” onde mora. Mesmo que Maria se esforce para definir limites, a contiguidade existe. Há também um fascínio pela adrenalina que as amigas possam sentir ao irem as festas, a possibilidade de se ter tudo que se quer.

De qualquer forma, Maria faz questão de ressaltar que sua rua é calma, mas que tudo ocorre próximo a sua casa. Vale notar que o seu ambiente de circulação parece ficar circunscrito a zona sul, e que ela não faz referencia a outros lugares mais distantes, nem mesmo ao centro da cidade.

É possível perceber na narração de Maria ao contar do namorado, da sua amiga e sobre os meninos que andam com roupa da moda, o fascínio que o “mundão” pode representar. O que nos remete ao estudo de Spagnol (2008) ao apontar o quanto os *bandidos* exercem um lugar de sedução para as mulheres, pelo poder que representam, pelo fato de andarem armados, de terem dinheiro, de terem acesso aos bens com facilidade. Junto a isso também está o perigo, salientado por Maria.

Estórias de João: “Perigo é perigo”

João tem 16 anos, está estudando e sempre morou no bairro onde a entrevista se realiza. João salienta que agora seu bairro está calmo e tranqüilo, e quando tinha mais ou menos uns cinco anos de idade, era muito pior. Ele menciona que *“...aqui era bastante perigoso, pra te dizer que era perigoso esse campo aqui era uma favela, cheia de barraco, a rua era de barro, não era asfaltada,... ai foi ficando mais calmo, teve um tempo que começou a ficar perigoso de novo ... mas agora ta tranqüilo...”*.

No que se refere ao medo, ressalta que *“... perigo é perigo, você vê um monte de gente trocando tiro, você vai assusta, com a possibilidade de uma bala perdida, alguma coisa...”*. Ao ser questionado se vivenciou algum momento de perigo, João comenta *“... teve uma vez que teve um tiroteio, eu tava no meio da rua. Criança sem entender, assim, criança tava lá*

correndo, ai bala para cá bala para lá e minha avó foi me buscar...". João estava na rua brincando com os amigos, não lembra muito bem, mas se recorda que ficou parado enquanto todo mundo correu. Ao que parece, as suas lembranças se misturam com o que lhe contaram, posteriormente, sobre o fato ocorrido.

João tem vontade de escrever um livro, sobre ele. A biografia começaria contando desde pequeno, tudo que ele já fez, de bom e de ruim, quando criança lembra que era malvado, brigava e batia nas outras crianças. Agora está mais tranquilo, só em último caso iria reagir com violência física.

Ao comentar sobre a violência em seu bairro, João parece localizar o período durante sua infância, como um tempo em que teria sido bem mais violento, depois teria melhorando, piorando durante um período, e agora estaria um pouco mais tranquilo.

Cabe lembrar, de modo sucinto, frente a afirmação deste distanciamento temporal, que há uma atemporalidade no recordar da vivência dos fatos. Como aponta Fedida (1996), retomando Freud, o inconsciente está fora do tempo. É atemporal: torna possível o infantil presentificar-se no atual. Alguns vestígios de lembranças se mantêm. Pois o que lembramos, o que surge na reminiscência, é o que teve lugar para ser lembrado.

Estórias de Carlos: "O Estranhamento"

Carlos, jovem de catorze anos, filho de um pedreiro e de uma costureira, comenta que voltou a morar no bairro faz um ano, mas já morou nesta mesma rua em que mora hoje, onde nasceu. Conta que quando tinha cinco anos, sua família foi morar em outro bairro, também na zona sul, e depois foram morar no interior do estado de SP. Retornando para este mesmo bairro no ano passado. Sempre morou com os pais e irmãos.

A família luta por melhores condições de vida, no interior podia ser mais tranquilo, mas a escola ficava longe, exigia uma caminhada longa todos os dias, e estava difícil para os pais arrumarem trabalho, e que em função disto juntaram um dinheiro para retornar para São Paulo. Aqui a escola está próxima, o CJ também, tudo está mais acessível. Os pais estão trabalhando e a vida parece estar melhorando.

No entanto, neste momento a rua em que moraram quando nasceu não é mais tão calma quanto antes. Carlos comenta que mora em uma rua tranquila, mas os vizinhos não costumam mais sentar em frente a suas casas e não é muito recomendado ficar na rua. Como ganhou um

video game, e tem acesso a internet, não fica mais sentado na calçada em frente a sua casa ou passeando pela rua como antes.

Segundo Carlos, na rua onde mora tem vários pontos de venda de drogas e isso produz uma movimentação intensa. Aparecem pessoas desconhecidas que vem ao local para fazer suas compras, sendo os vendedores, moradores do bairro, são mulheres, homens, meninos, “*tem de tudo*”. Quando a policia chega, todo mundo corre para não ser pego. Os que são pegos, devem colocar as mãos na cabeça ou deitar no chão, apresentar seu documento de identificação. E se não estiverem com o documento, são levados para a delegacia.

Carlos conta que os moradores correm para dentro de suas casas, quando a policia aparece, já que têm medo que cheguem atirando. Carlos comenta que aconteceu com ele. Encontrava-se na entrada de sua casa, no portão, quando a policia veio: pensou que deveria entrar rápido, já que poderia levar um tiro se continuasse ali. Teve medo de alguém reagir a presença da policia e ele, Carlos, ser atingido por alguma bala perdida. Ele salienta que quando a sua família se mudou para esta rua, no ano passado, não sabiam que o ambiente estava assim, e que só depois perceberam.

Cabe observar, brevemente, que, ao que tudo indica, Carlos tem aprendido a conviver com essas situações presentes em seu dia-a-dia. Mesmo que presencie algo, entende que é mais prudente se calar, para não se defrontar posteriormente com problemas. Conta que ao ver, na escola, colegas com droga, pensou, inicialmente, que deveria comentar com a professora. Mas, que, porém, em instantes, se deu conta que devia ficar quieto, pois os meninos poderiam vir atrás dele.

Quanto as possibilidades de trabalho futuro, acredita que se não for fácil encontrar, existem trabalhos que são sempre necessários, como o de costura, mesmo trabalho que a mãe tem feito nos últimos anos, acredita que poderá aprender o ofício de sua mãe. Não gosta muito de estudar, mas vai a escola e está estudando.

No caso de Carlos percebo que tem aprendido administrar um dia-a-dia perpassado por relações tensas e que, no decorrer dos seus relatos, salienta a presença de uma família batalhadora, que luta por melhores condições de vida. Ao mesmo tempo, ressalta a singularidade deste momento da sua existência: o fato de ter retornado a um ano para o bairro, de volta do interior, o coloca em condição de *estranhamento* frente as novas relações e aos fatos que tem

percebido e tem tido que administrar a sua volta. O que tem visto e vivenciado tem lhe impactado, não há banalização.

Ao retornar para São Paulo, ao que parece, Carlos foi confrontado com uma realidade estranha. Lembramos aqui de Freud (1919/1996), quando comenta que o ‘estranho’, é o difícil de ser abordado inicialmente. Na medida, entretanto, em que há uma familiarização, esse sentimento vai perdendo a dimensão inicial. Tanto que Carlos está aprendendo a administrar o seu convívio com essas situações. Mantém um distanciamento, porém, que lhe possibilita compartilhar o impacto que tem sentido na sua mudança para São Paulo.

Estórias do Manoel– “Chegar já saindo”

Manoel tem 18 anos e está cursando supletivo. Mora com a mãe neste bairro onde estamos.

Segundo ele, teve que parar de estudar, quando era mais novo devido a “*uns rolos ai*”. Assim o jovem iniciou o nosso diálogo. Sua fala parece ser um diálogo dele consigo mesmo, como se não estivesse conversando comigo, as palavras surgem de dentro e retornam para dentro novamente, não parece interessado em se fazer compreender, em ser escutado. Comenta no início da conversa que tem um compromisso e terá que sair em breve. Devo ressaltar que tivemos tempo suficiente para ele compartilhar um pouco da sua “crueldade”.

Manoel anuncia que entre “os rolos” em que se envolveu está um “latrocínio”. Olho para ele com olhar interrogativo. Ao que ele responde “roubo seguido de morte”. Segue sua narrativa, que se apresenta quase como um bloco, muito denso e contínuo, de palavras. Os relatos das suas ações, por vezes são enunciados através de palavras soltas, isoladas, que nem sempre chegam a constituir uma frase organizada.

Ao comentar sobre o crime, Manoel salienta: “... *eu fui na crueldade mesmo, pura crueldade, eu já era folgado, demais,... agora to mais sossegado, não podia mexer comigo que já queria bater, ele resolveu me encarar...*”. Segundo Manoel, ele, a princípio, só queria roubar a moto do jovem que acabou matando. Segundo ele, o crime ocorreu a um tempo atrás, em outro bairro.

Manoel está reiniciando sua vida no meio aberto, após ter cumprido medida sócio educativa, depois de ter passado alguns anos na Febem. Ao falar sobre seus amigos, comenta

que são “*tudo doido*”, mas, entretanto, muito diferentes dos amigos de antes, que eram “*doidos de doido mesmo, quem mata sem pensar duas vezes,... por crueldade, ruindade*”.

Entendo que o sentimento de crueldade, expresso de modo tão enfático, também é uma forma de impactar e se impor. Parece corresponder, por um lado, a crueldade e o desejo de dominar o outro, pela violência física; por outro, a uma tentativa de ficar mais sossegado. Dualidade de sentimentos que nem sempre conseguem conviver.

Manoel tem dificuldade em falar, organizar frases de uma forma encadeada, tudo parece sair quase como um resto, não significado, que não se encaixa, mas procura significação, inserção no campo da fala. Ao chegar já anunciou sua saída. Para ele, parece difícil *estar com*, conversar. Tem que sair rápido, para não estar. Talvez possa inicialmente impactar com suas palavras. Mas depois, parece difícil pensar na possibilidade de continuar um diálogo, tem dificuldade em articular elementos de sua vivência, está na defensiva, tem medo de estabelecer relação, logo precisa chegar de saída.

Estórias de Marcio– “não ver nada”

Marcio conta que sempre morou próximo ao CJ, *ali, descendo a rua*, mas que a dois meses se mudou para um bairro vizinho, e que a avó e os dois irmãos mais velhos continuam morando no mesmo lugar, onde morava antes. Diz sentir falta do bairro anterior e dos amigos. Mas que teve que acompanhar a mãe que decidiu se mudar. Junto com eles, também foi uma irmã, que depende da ajuda de Marcio e da mãe, que trabalha durante o dia.

Para Marcio, este bairro onde estamos, é tranqüilo, mas as vezes ocorre alguma briga. Conta que já ocorreu uma morte no “campinho”: há uns três anos atrás, um homem apareceu morto no “campo” em que Marcio costuma jogar futebol. Afirma não ter visto como as coisas ocorreram, já que estava em casa, mas que, ao ficar sabendo, veio para ver,. Ao chegar ao local, entretanto, não teria encontrado mais “nada”.

Ao ser questionado sobre esse “nada”, comenta que só encontrou uma “poça de sangue”, mas o homem não estava mais lá, já tinha sido levado pelos amigos, que queimaram seu corpo. Marcio relata que, conforme informações trazidas por amigos seus, a pessoa que apareceu morta no “campinho” morava no bairro, mas não tinha família aqui em São Paulo. A sua mãe e seu pai já tinham falecido e o restante de sua família morava na Bahia. Por isso, então, seus amigos

resolveram queimar, de modo improvisado e ilegal seu corpo, já que não havia nenhum familiar para se ocupar dos procedimentos e rituais pertinentes a estas situações.

Marcio comenta que não o conhecia, mas talvez já tivessem se cruzado em algum momento na rua. Alguém comentou que “ele devia” (subentendido a alguém do *mundo do crime*), por isso fora executado, mas não se sabe muito bem. Comenta que a policia esteve ausente nesta situação, ninguém apareceu, nada foi feito.

O “nada” ao qual se refere Marcio no relato ilustra bem a negação da violência a qual nos referimos no início do presente texto. Algo deve ser apagado, enquanto vestígio e índice de um ato violento e ilegal.

Considerações finais

Ao ouvir os relatos de Maria, João, Carlos, Manoel, e Marcio, nos perguntamos como estes jovens fazem para conviver com situações como aquelas que mencionamos no presente texto.

Buscamos aqui ressaltar como a violência se mostra presente e afeta estes jovens e de que modo eles se referem a ela. Por parte de Maria há negação, mas também fascínio pelas roupas da hora, pela adrenalina da *correria*, frente a possibilidade de um tiroteio. Para João, o “perigo é perigo”, pois frente a um tiroteio, alguém pode morrer, e criança não pode ser ingênua, tem que fugir. Carlos vive o estranhamento com a “nova” rua, logo aprendendo a administrar as situações as quais está exposto. Quanto a Manoel, expõe sua crueldade, que mais parece vestígio de algo que não se encaixa no diálogo. Assim como ele que chega já tendo de sair, para não chegar. O “nada” de Marcio, finalmente, parece muito significativo, apesar de silenciado. Não deve deixar rastros, para que o seu sentido permaneça oculto.

Os rastros da violência ficam marcados na memória dos que compartilham espaços comuns, como é o caso de Maria. Mesmo estando distante do campinho, lembra de mortes associadas a esse lugar. João também faz alusão ao campo, como uma antiga favela. Até Marcio, tem lembrança de uma morte da qual não viu “nada”, já que quando chegou no local, parecia não existirem mais rastros. Espaços propícios a estimular reminiscências. Lugares de memória?

Cabe, sublinhar, sucintamente, antes de concluir, provisoriamente, a reflexão desenvolvida no presente texto, a importância de compreender a natureza dos referidos rastros e nos perguntar, a semelhança de Fedida (1996): o que é possível lembrar? Ou o que tem lugar para

lembrar? Como sugere, efetivamente, este autor, a lembrança surge naquilo que tem lugar para lembrar. Há esquecimento, mas há lugar para lembrança de algo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FÉDIDA, P. *O sitio do estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1996.

FREUD, S. (1919) *O 'Estranho'*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1920) *Além do Principio de Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SPAGNOL, A. S., *Jovens Perdidos*. Um estudo sobre os jovens delinquentes na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2008. 222 p.

MARIN, I. da S. K. *Violências*. São Paulo: Escuta, 2002.

PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Editions Galilée, 2000.

TELLES, V. da S. & HIRATA, D.: *Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito*. Disponível em www.scielo.br. Acesso em 02/09/2010.